

# femicídio

pascal engman

Tradução de Nanci Marcelino



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para Linnea*



*Uma pessoa quer ser amada, à falta do amor admirada, à falta do amor temida, à falta do amor abominada e desprezada. Uma pessoa quer incutir algum tipo de emoção nas pessoas. A alma estremece perante o vazio e anseia pelo contacto a qualquer preço.*

Do livro *O Doutor Glas*, de Hjalmar Söderberg.



## P R Ó L O G O

Um saco de plástico ficara preso na vedação de arame que rodeava a prisão de Åkersberga. Emelie Rydén, de 25 anos, rodou a chave na ignição do seu *Kia* verde e o motor ficou silencioso. Inclinando-se para a frente, pousou a cabeça no volante.

Dois anos antes dera à luz a filha de ambos, Nova. Agora estava aqui para acabar tudo com Karim, o homem que pensara ser o amor da vida dela.

Emelie estava com medo. Endireitou as costas, levantou o lábio superior e examinou-se ao espelho retrovisor. A parte de baixo de um dos dentes da frente estava amarela. Quatro anos antes, Karim atirara-a contra um radiador durante uma discussão. Emelie desmaiara. Quando recuperou os sentidos, ele já saíra, regressando a casa 48 horas depois, a tresandar a bares e suor e tendo pedido perdão com olhos raiados de sangue.

Emelie abriu a porta do carro e meteu o pé numa poça que se formara num buraco no asfalto. Tinha de pôr um fim a isto. Pelo bem de Nova. A filha dela não merecia crescer com o pai atrás das grades. Embora Karim fosse libertado passados três meses, Emelie tinha a certeza de que ele regressaria. Mais cedo ou mais tarde. Provavelmente mais cedo.

Caminhou com passos largos em direção à entrada para as visitas, tocou à campainha e deixaram-na entrar. Tirando raras exceções, viera aqui

todas as semanas durante três anos. Nova fora concebida numa das salas de visita. Alguns dos guardas prisionais demonstravam empatia, outros mal ocultavam o desprezo.

Ao longo dos anos, fizera tudo o que pudera para se manter de cabeça erguida e percorrer os corredores com uma postura ereta. Reconheceu o guarda na receção. Era calado, parecia tímido. Embora já se tivessem encontrado em várias ocasiões, não demonstrou de modo algum saber quem ela era.

— Venho visitar o Karim Laimani — disse Emelie.

O guarda acenou com a cabeça.

— Pode emprestar-me uma caneta?

Ele manteve o olhar preso ao ecrã enquanto lhe passava uma esferográfica. Emelie desdobrou o desenho de Nova e acrescentou a data no canto superior direito.

Depois disso, o procedimento foi o mesmo de sempre: o casaco, a mala, o telemóvel e as chaves foram trancados num armário. A seguir conduziram-na até ao detetor de metais e revistaram-na.

Emelie estendeu os braços e permitiu que o guarda passasse as mãos pelo corpo dela.

— Siga-me — disse ele de forma automática, enquanto encostava um cartão de acesso ao leitor.

Percorreram o corredor e depois viraram à direita. Primeiro o guarda e Emelie atrás dele com o desenho de Nova dobrado na mão. Ele parou à frente de uma porta branca com uma janela de vidro redonda. Emelie espreitou para dentro. Karim estava lá sentado com as mãos em cima da mesa. Tinha o capuz da *sweatshirt* na cabeça. As portas foram abertas e Emelie entrou na salinha. Respirou fundo. Tinha as mãos e as pernas a tremer. À medida que a porta era fechada atrás dela, ensaiou tudo o que estava prestes a dizer.

Karim levantou-se. Foi como se as palavras que ela decorara tivessem sido sopradas para longe. Ele puxou-a para si e agarrou o seio dela.

— Karim, para...

Ele fingiu não ouvir e pressionou a zona genital contra a dela, invadindo-lhe a boca com a língua. Ela empurrou-o.

— O que é que se passa contigo? — perguntou ele.

Karim fitou-a furioso durante alguns segundos, virou-se e sentou-se na cadeira. Emelie pousou o desenho de Nova na mesa à frente dele. Ele olhou de relance para o desenho com uma expressão indiferente.

— Engordaste. Não estás prenhe outra vez, pois não?

Emelie endireitou uma madeixa de cabelo que saía do sítio. Abriu a boca, mas tinha a garganta seca. Assim que dissesse aquelas palavras já não seria namorada dele, mas uma inimiga. No mundo de Karim, tudo era a preto e branco. Aquelas palavras nunca poderiam ser desdidas. Ela pigarreou e tentou manter a voz firme.

— Não quero continuar nesta relação.

Karim ergueu as sobrancelhas e os dedos dele produziram um som ao passarem pela barba curta e escura.

— Para com isso.

— Não pode dar certo — disse ela, falhando-lhe a voz. Pigarreou uma vez mais. — Não aguento mais.

Os olhos de Karim estreitaram-se. Os pés da cadeira raspavam o chão quando ele se levantou devagar, rangendo os dentes à medida que avançava para ela.

— Achas que és tu que decides?

Estava quase a tocar-lhe. Emelie preparou-se.

— Por favor... — sussurrou, enquanto ficava com os olhos marejados. Fechou-os. Engoliu. — Não podes deixar-me ir? Podes ver a Nova quando saíres.

— Andas a foder alguém?

— Não.

O rosto de Karim parou a mais ou menos dez centímetros do dela. Ele cheirou o ar.

— Ah, pois, sempre foste uma mentirosa de merda. Andaste por aí pela cidade a abrir as pernas? Sua puta estúpida!

Emelie virou-se, esticando o braço em direção à maçaneta da porta. Karim chegou lá primeiro e agarrou-lhe o braço.

— Não te vais safar. Se descobrir que tens andado a dar a cona a outro qualquer, mato-te.

O guarda prisional abriu a porta de rompante. Karim largou-a e ergueu as palmas das mãos. Emelie puxou o braço para si e esfregou o pulso.

No instante seguinte, a sala de visitas ecoou com a voz de Karim.

— Eu mato-te. Espera para veres. Vais arrepender-te disto — rugiu.

O guarda meteu-se entre eles.

— Acalme-se.

Karim fitou Emelie sobre o ombro do guarda. E sorriu à medida que se afastava.





# PARTE I

*Também somos pessoas. Só queremos ser amados por quem somos. O nosso desespero não surge do nada. Fico contente que nunca se tenham sentido desta forma, mas espero que consigam compadecer-se. Maltratam-nos, menosprezam-nos. Em todo o lado. Em vez disso, deviam perguntar-se a vós mesmos o que nos fez sentir deste modo. Muitas vezes há uma história que nos trouxe até aqui. Se ouvissem as nossas histórias, talvez fossem mais compreensivos em relação à nossa situação, que, afinal de contas, é involuntária.*

Um homem anónimo.



Uma grinalda de luzes roxas estava suspensa no abeto do parque Monica Zetterlund. A inspetora-detetive Vanessa Frank trazia um casaco azul-escuro. Por baixo tinha calças de fato escuras e uma camisa branca acabada de ser engomada.

Passou a ponta da língua pelas gengivas. Pela primeira vez na vida, Vanessa fizera uma resolução de Ano Novo: deixar de consumir tabaco *snus*. Conseguiu reduzi-lo durante todo o inverno. Agora era abril. A neve desaparecera. Quarenta e oito horas antes terminara a última lata e a abstinência estava a provocar-lhe comichão em todo o corpo.

As luzes da Loja de Telefones do Hassan, que, apesar do nome, vendia de tudo, ainda estavam acesas.

A campainha tocou e Hassan sorriu ao ver que era Vanessa.

— Agente Frank — cumprimentou-a com um sotaque sueco acentuado e fez uma vénia pouco convicta. — Espero que não tenhas vindo comprar *snus*.

— Desiste, já tenho 43 anos. Dá-me uma lata.

— Há dois dias estavas nesse mesmo sítio quando me proibiste de te vender *snus*.

— Ou me vendes uma lata ou roubo-ta.

Hassan apressou-se a proteger a máquina do tabaco com o próprio corpo.

— Cigarros eletrônicos são menos perigosos e mantêm-te ocupada — disse ele, apontando para um expositor de vidro. — Estou a falar a sério, Vanessa. Obrigaste-me a fazer uma promessa. Pretendo cumpri-la.

Vanessa suspirou e endireitou o colarinho. Gostava de pessoas que cumpriam o que prometiam.

— Pronto, está bem, dá-me lá essa merda. Mas, Hassan, tem cuidado para não riscares o chão.

Confuso, olhou para ela e depois para os pés dele.

— Hã?

— Pois, com esse pau que tens enfiado no traseiro.

Na esquina com a avenida Odengatan, Vanessa parou, ligou o cigarro eletrônico, deu uma passa e depois analisou atentamente o vapor branco que se dissipava pelo céu noturno de primavera. Caminhou em direção à rua Sveavägen. As esplanadas dos restaurantes tinham aberto.

Embrulhadas em cobertores, as pessoas bebiam cerveja, curvadas sobre mesas de madeira frágeis.

A vida de Vanessa estava em renegociações. Em dezembro, Natasha, a rapariga síria de 16 anos que Vanessa tinha a viver com ela, recebera um telefonema do pai. Ele sobrevivera à guerra, aleijado mas vivo. No dia de Natal, enquanto nevava intensamente, Vanessa dissera adeus a Natasha e ficara a ver as luzes traseiras do táxi a desaparecerem na rua Surbrunnsgatan. As luzes dos travões piscaram, fazendo com que, por um instante, Vanessa esperasse que Natasha saísse do carro a chorar, arrastando a mala atrás de si e corresse até ela enquanto explicava que tudo não passara de um mal-entendido. Tinham decorrido quatro meses e a solidão continuava a parecer-se, todos os dias, com uma corrente de bicicleta castanha de ferrugem contra a caixa torácica dela.

Na Sveavägen, os carros *vintage* andavam para trás e para a frente, transportando entusiastas com coletes e camisas axadrezadas a cantarem ao som de Eddie Meduza e Bruce Springsteen. Vapores de gasolina. Bandeiras da confederação. Um homem encostou as nádegas anémicas ao para-brisas de trás de um *Chevrolet* branco que ia a passar. Vanessa planeava virar à direita, seguindo caminho até casa pelo parque Vanadis, mas mesmo à sua frente erguia-se um enorme conjunto de andaimes ao longo do passeio. Detestava passar por baixo deles, parecia que podiam desmoronar a qualquer momento. Em vez disso, atravessou a Odengatan e prosseguiu paralelamente à paragem de autocarro.

Ao passar à frente do bar Storstad, vislumbrou um rosto que reconheceu:

o diretor de teatro Svante Lidén's. Tinham sido casados 12 anos, até ela descobrir que ele engravidara uma jovem atriz. Vanessa não hesitou, continuando simplesmente a andar. Não percorrera mais de dois metros quando ouviu alguém chamar pelo nome dela.

— Podes, pelo menos, dizer olá?

— Olá.

Ela deu meia-volta e Svante apressou-se a pousar a mão no ombro dela com delicadeza.

— Não podes entrar um bocadinho?

Dirigiu-lhe um olhar de súplica. A alternativa era ir para casa, refestelar-se no sofá a ver o *Planeta Animal*.

— Está bem.

Svante segurou a porta e perguntou-lhe o que gostaria de beber. Vanessa pediu um *gin* tónico e sentou-se à janela. Olhou de relance para o espaço entre o bar e as mesas, onde pessoas ébrias se atiravam umas às outras.

Nós, humanos, somos meros mamíferos loucos com roupas coloridas, pensou para si mesma. Daqui a cem anos, todas as pessoas nesta sala estarão mortas. Ossos brancos e pó, enterrados sete palmos debaixo de terra. Ninguém saberá que partilharam estas horas juntas. Esta perceção fê-la sentir-se desolada.

— Estás fantástica — disse Svante, pousando a bebida na mesa entre eles. Vanessa ergueu o copo em direção a ele.

— Tu pareces ter morrido em 2003.

— Saúde! — Svante respondeu, sereno: — Como vão as coisas?

Vanessa deu um gole. Agora que aqui estava, mais valia ser simpática. Pelos velhos tempos. Apesar de tudo, estava contente por ver Svante.

Os anos em que vivera com ele tinham sido bons. Ela aprendera a viver com o facto de ele pinar tudo o que mexesse. O que a magoara fora ele ter-se recusado a dar-lhe um filho. Quando Vanessa engravidara, pouco tempo antes do divórcio, ele convencera-a a abortar. E agora era tarde demais.

— Tenho um emprego novo.

— Deixaste a polícia?

Vanessa abanou a cabeça.

— Nova divisão. Saí da NOVA e agora sou investigadora na Unidade Nacional de Homicídios.

Ele meteu um cubo de gelo na boca e esmagou-o entre os dentes.

— *Riksmord*?

Dos altifalantes ouvia-se a música *Piano Man*. Vanessa inclinou-se para a frente para conseguir sobrepor a voz à de Billy Joel.

— Viajo por todo o país a ajudar colegas em investigações de homicídios.

— Então és uma caixeira viajante de homicídios. Dava um bom título para um filme. E bastante trabalho neste momento, ou não devemos ter em conta o que dizem os jornais?

Uma hora e três *gins* tónicos mais tarde, Vanessa já se sentia embriagada. Não queria ir para casa. Svante era uma nódoa em muitos sentidos, uma desculpa esfarrapada de homem, mas ela gostava dele. Ainda não tinham tocado no assunto de Johanna Ek, a atriz com quem Svante vivia agora. Nem tinham falado do rebento do casal. Vanessa temia estragar o momento, mas, por fim, já não conseguia retrair-se mais.

A meio de uma questão, ergueu a palma da mão em direção a Svante.

— Então, como vai a miúda? A de um ano, quero eu dizer, não a por quem me trocasse.

Svante abriu a boca para responder, mas Vanessa voltou a interromper.

— Que nome lhe deste? Yasuragi Lidén?

— Yasuragi? Aquele spa? Por que haveríamos de...

— Encontrei um recibo de hotel num dos teus casacos, pago nove meses antes de ela nascer. Vocês, celebridades, costumam dar aos vossos filhos os nomes dos sítios onde eles foram concebidos, não costumam?

Svante coçou a bochecha.

— Admito que não estive muito bem com tudo aquilo — respondeu.  
— Lamento.

Fitaram-se olhos nos olhos durante alguns segundos até Vanessa acenar com a mão.

— Deixa lá isso.

Olhou para os olhos castanhos dele, subindo até à franja espetada. Estava mais grisalho do que da última vez que o vira, na verdade, estava quase todo grisalho.

Vanessa permitiu que os seus olhos vagueassem pelas mãos grandes dele, pelas unhas roídas.

Tinha saudades do humor dele. Da segurança. Do modo como ele mordida o lábio inferior, quando lia alguma coisa no jornal com que não concordava. Do modo como a agarrava. Com firmeza. Com um sentido de propriedade sua. Do ciúme mal disfarçado quando reparava que ela se sentia atraída por outro.

— Estás feliz com ela?

O queixo dele estava pousado na palma da mão.

— É diferente. De certo modo, é mais fácil.

— Tens de ser tão honesto?

Um homem deu um encontrão nas costas de Vanessa. Ela puxou a cadeira para mais perto de Svante.

— Sabes o que me deixa mais irritada? — indagou ela.

— Não.

— Teres-me transformado num estereótipo.

Svante ergueu as sobancelhas. Vanessa agarrou-lhe na mão e puxou-a para o interior do casaco aberto, para o seu peito. Ela fora submetida a uma cirurgia há seis meses.

— A porra do estereótipo andante da mulher envelhecida rejeitada.

Ele riu-se e retirou a mão. De um modo demasiado lento para Vanessa não reparar. Por que queria ela que Svante a desejasse? Porque é que ele tinha esse efeito sobre si? Ela estava ótima. Não precisava dele. Ele fizera a sua escolha.

Queria ela vingar-se de Johanna? Seria assim tão simples?

— Di-lo!

— Digo o quê, Vanessa?

Ela inclinou-se para a frente, conseguindo sentir o cheiro do *aftershave* dele.

— Que ainda me desejas.



## 2 .

Jasmina Kovac tirou os óculos de armação redonda e a redação do jornal *Kvällspresen* ficou imediatamente uma confusão turva. Com a mão, procurou algo dentro da mochila, que estava pendurada na cadeira. Assim que encontrou a caixa, tirou um paninho azul lá de dentro e esfregou as lentes habilmente.

Voltou a meter os óculos sobre o nariz. Cadeiras, pessoas e monitores de computador recuperaram as suas formas distintas.

Jasmina pensava muitas vezes que, se tivesse tido a infelicidade de nascer antes da invenção dos óculos, nunca teria conseguido viver 28 anos e, provavelmente, teria acabado como comida para lobo muito antes disso.

Deu um risinho em voz alta ao pensar numa tanga à antiga e o colega Max Lewenhaupt, que estava sentado na secretária ao lado da sua, virou-se para ela.

— O que tem tanta piada? — perguntou de forma reprovadora, espreitando o monitor de Jasmina.

— Ah, nada — respondeu, sentindo o rubor a espalhar-se pelas faces.

Max abriu a boca para responder mas foi interrompido por uma voz por trás deles.

— Os jovens querem tomar café?

Hans Hoffman, um repórter sénior que costumava cobrir as noites e os

fins de semana, esticou a cabeça por cima do monitor dele. Max revirou os olhos e articulou a palavra «asneira». Jasmina teve pena de Hoffman.

— Excelente — disse ela, e levantou-se.

Percorreram fila após fila de secretárias, passando o escritório envidraçado do chefe de redação.

A máquina de café expeliu um líquido castanho fraco.

— És da região da Esmolândia, não és?

Jasmina acenou que sim.

— Växjö.

— E Kovac. Croata?

— Bósnio.

Jasmina preparou-se para voltar para o computador a fim de acabar o artigo final da noite: um texto sobre um gato na cidade remota do Norte, Ånge, que voltara para casa depois de ter estado desaparecido durante dois anos. Hoffman, porém, gesticulou para que ela ficasse.

— Se quiseres ficar neste jornal vais ter de começar a ter algumas ideias próprias. Caso contrário, aquele ali vai devorar-te — continuou Hoffman, acenando com a cabeça na direção de Max Lewenhaupt.

— Eu sei. Tenho algo bom sobre o William Bergstrand. Está a ver, o membro do parlamento?

— Boa. Mais vale estares um passo adiante, miúda. É isso mesmo que tens de fazer. És boa nisto, leste o que devias. Aquele artigo sobre os homicídios de mulheres por resolver estava fantástico, mas tens de alargar o teu campo de ação. Faz com que os políticos se responsabilizem.

Jasmina olhou de relance para a secretária onde o editor da secção de notícias, Bengt «o Bolinho» Svensson, estava sentado com os pés para cima. Tinha o portátil pousado na barriga. Jasmina ganhou coragem. Voltou para o computador dela e abriu a investigação. No início dessa semana, pediu cópias dos recibos do político social-democrata William Bergstrand à administração parlamentar. Ele estivera em Paris há pouco tempo e entre os recibos estavam duas contas de restaurante de cinco mil coroas cada, hotéis de luxo e compras. Tudo pago com o cartão parlamentar. Ainda mais vergonhoso para Bergstrand, a quem fora previsto um futuro brilhante no partido, era o facto de ter sido acompanhado pela também membro do parlamento Annie Källman. No entanto, de acordo com o seu Instagram, estava em Sundsvall nessa altura.

— Onde vais agora? — perguntou Max.

— Vou só buscar uma coisa que imprimir.

— Para de falar tão baixo, não consigo ouvir o que estás a dizer — disse Max. Com os dedos fez mímica de um telefone e levou-o ao ouvido. — O que imprimiste?

— Estou a trabalhar numa coisa. — Hesitou, voltou a sentar-se à secretária e inclinou-se para Max. Ele era bom. Ela fez uma descrição breve sobre o que descobrira em relação aos recibos de Bergstrand. — Mas não consigo entrar em contacto com ele. Ele tem-se esquivado de mim. Queres ajudar-me?

Max acenou que sim, devagar. Jasmina reparou que ele ficou impressionado com relutância. Ela ficou contente.

Enquanto a impressora zumbia, Jasmine olhou para as manchetes clássicas e para os recortes de notícias que adornavam as paredes. O Dia VJ de 1945, o drama dos reféns em Norrmalmstorg de 1973, o ataque à bomba à embaixada da Alemanha Federal em 1975, o naufrágio do *MS Estonia* em 1994, o ataque às torres gémeas em 2001.

Jasmina avançou e foi pôr-se atrás de Bengt. Ele continuou a olhar fixamente para o monitor dele.

— Sim? — perguntou, coçando o ouvido.

— Pensei em perguntar-lhe se... tem uns minutinhos. Tenho andado a trabalhar numa coisa.

Bengt olhou para o dedo, enojado, e limpou-o na coxa, deixando uma mancha amarelada nas calças de ganga.

— Jessica, não sei...

— Jasmina.

Ela sorriu com nervosismo.

— Jasmina — disse Bengt com um suspiro. — Não sei como as coisas funcionam em Norrköping ou de onde...

— Växjö. Sou de Växjö.

Bengt estava ocupado com o outro ouvido.

— Tanto faz — retorquiu. — O único artigo que quero que escreva são as três colunas sobre a porra do gato que apareceu, seja lá onde isso for. Haparanda?

— Ånge.

— Isso. Já está pronto?

— Basicamente sim, mas...

— Nada de mas — grunhiu Bengt, irritado. — Volte lá para a sua secretária e faça o que lhe mandam. É assim que as coisas funcionam aqui no *Kvällspresen*. Tem sido um conceito vencedor desde que o jornal foi

fundado em 1944. Tenho a certeza de que a ideia que teve deve ser maravilhosa, mas não tenho tempo.

Uma hora depois, Jasmina Kovac saiu da redação do *Kvällspresen* e sentou-se na parte de trás do autocarro número um. Só quando chegaram à praça Fridhemsplan é que entraram outros passageiros. Uma ambulância passou a grande velocidade. Era uma noite de sexta-feira fria e Kungsholmen estava mergulhada numa luz amarelada proveniente da iluminação das ruas. Pessoas a congelar reuniam-se à porta de bares. Sem-abrigos procuravam refúgio por baixo de escadas e de toldos. Dormiam todos juntos, que nem animais esfomeados e a morrer de frio.

Estocolmo era a cidade dos sonhos de Jasmina. Queria ser jornalista desde sempre, tal como o pai dela fora até a guerra chegar à Jugoslávia.

Alguns meses antes, enquanto repórter no jornal local *Smålandsposten*, Jasmina investigara vários homicídios de mulheres que nunca chegaram a ser resolvidos. Nalguns casos, conseguira demonstrar que os erros da polícia fizeram com que os assassinatos nunca fossem resolvidos. O artigo tivera um grande impacto e fora escolhido pela agência de notícias sindicalizada TT e pelos dois tabloides principais. Duas horas depois da publicação, o chefe de redação do *Kvällspresen* ligara a oferecer-lhe um emprego temporário.

Mas, até agora, nada estava a correr-lhe bem.

— Amanhã é um novo dia — murmurou.

### 3 .

Assim que entraram no *hall* desataram a arrancar as roupas um ao outro. Svante empurrou Vanessa contra a parede, mudou de ideias, empurrou-a à frente dele em direção ao sofá, inclinou-a para a frente e penetrou-a por trás. Animalesco. Bruto. Desesperado. Da maneira como ela gostava, da maneira como ela sempre desejara.

A seguir, Vanessa foi buscar uma garrafa de vinho tinto. Deu-lhe o vinho e um saca-rolhas, enquanto ela ligava o cigarro eletrônico.

Vanessa fitou o teto através do fumo branco.

— Já não era fodida assim desde, bem... — murmurou Vanessa para si mesma, até se aperceber e se calar.

— Desde quando?

— Ia dizer «desde que tive um romance muito ardente com o meu professor da secundária», mas achei que podia ferir os teus sentimentos.

— Foste para a cama com o teu professor?

— Nunca te falei do Jacob? Ele tinha 28 anos e era professor substituto de matemática. Eu tinha 17 e andava furiosa com praticamente tudo na vida. Nós costumávamos...

— Isso chega, não chega?

Svante passou-lhe a garrafa.

— Já agora, o que é que se passa com as janelas? — indagou. Estavam cobertas com um revestimento plástico branco.

- A fachada está a ser restaurada.
- Nem sequer dá para perceber se está escuro lá fora.
- Pois não, é um ambiente de se perder a cabeça.

Ela desejou que ele dissesse algo substancial. Que a vida era aborrecida sem ela.

Em vez disso, começou a contar-lhe uma história sobre um ensaio que ela já ouvira. Vanessa não lhe prestou grande atenção, enquanto acariciava a parte interior da coxa dele. É estranho o que o tempo pode fazer aos sentimentos. Svante estava progressivamente com mais dificuldade em terminar a anedota, enquanto a mão dela passeava cada vez mais para cima ao longo da coxa. A respiração dele ficou tensa. Ela montou-o. Ele fechou os olhos, de boca semiaberta. Vanessa imaginou que ele estava a pensar em Johanna e deu-lhe uma bofetada. Surpreendido, Svante abriu os olhos de repente. Por um instante ela pensou que ele ia retribuir a bofetada, mas ele riu-se e voltou a fechar os olhos. Ela impeliu-se com mais força contra ele, sentiu-o cada vez mais profundamente dentro dela, enquanto o montava devagar com movimentos circulares.

Quando ela se veio, enterrou as unhas no seu peito peludo e ele afastou-as com uma palmada.

Eram duas e meia da manhã quando Svante sussurrou que tinha de ir para casa. Pegou na roupa dele. Vanessa seguiu-o, embrulhada no cobertor.

- Como vais explicar os arranhões?

Ele baixou o olhar para a camisa preta enquanto a abotoava e encolheu os ombros.

- Estás chateado? — perguntou ela.
- Não.

Vanessa pressionou os lábios um contra o outro para reprimir fisicamente a pergunta se ele podia ficar. Antes de ela lhe dar um ligeiro empurrão, beijaram-se.

- Vejo-te mais tarde — disse Svante.
- Suponho que verás — respondeu ela, fechando a porta.

## 4 .

A redação do *Kvällspresen* estava num estado de calma nessa manhã sonolenta de sábado. Jasmina Kovac ia a caminho da cantina para ir buscar um rissol quando Bengt a chamou. Pensou que fosse por causa de algum erro no artigo sobre o gato e preparou-se para uma repreensão.

— Preciso de um texto grande. Para a edição de segunda-feira.

— Claro — disse Jasmina, esforçando-se para esconder a surpresa. — O que tinha em mente?

— Um documento.

Jasmina já devia ter terminado o turno dela.

Eles tinham tentado entrar em contacto com o membro do parlamento, William Bergstrand, que continuava a evitar as chamadas deles. Max e Jasmina tinham decidido tentar entrar em contacto com ele depois do trabalho, a meio da semana seguinte. Ela planeava ir a Växjö, visitar a mãe.

Já reservara os bilhetes. Mas tinha de aproveitar a oportunidade para escrever um artigo pormenorizado.

— Claro. É sobre o quê?

— Um resumo dos últimos acontecimentos do movimento *#metoo*. O Hoffman estava ocupado e falou em si quando lhe perguntei se ele podia fazê-lo. Já sabe que não tenho a certeza de que já esteja pronta, por isso não me desiluda.

Jasmina não conseguiu reprimir um sorriso ao regressar para a secretária dela. Hoffman aproximou-se, com o jornal daquele dia aberto à frente dele.

Ela deu um saltinho e abraçou-o.

— Obrigada — sussurrou.

— Porquê? Estou demasiado velho para passar a noite toda acordado a escrever — retorquiu. — Mas para conseguires fazer isso, é melhor começares. Vai para casa. Se te veem aqui despejam mais trabalho em cima de ti.

Jasmina apercebeu-se de que Hoffman tinha razão. O artigo podia ser o bilhete dela para coisas de maior importância, mas ia ter de trabalhar sem interrupções. Pegou nas coisas dela, enfiou o portátil na mochila e apressou-se a despedir-se dos outros repórteres.

A mãe ia ficar desiludida. Jasmina era toda a vida dela. Lera tudo o que Jasmina alguma vez escrevera, recortara as páginas e guardara-as em caixas que mantinha debaixo da cama.

— Olá, mãe!

— Já cá estás? Pensava que só vinhas hoje à noite.

— Tenho de ficar aqui. Eles querem que eu escreva um artigo grande. Tem de estar pronto até amanhã.

Apesar de Jasmina se ter esforçado ao máximo para ocultá-lo, a mãe percebera que as coisas não tinham corrido conforme o planeado em Estocolmo.

— Isso é ótimo — exclamou a mãe. — É claro que tens de fazer isso.

— Tens a certeza? Tenho saudades tuas. Sabes que quero mesmo ver-te, não sabes?

— Também tenho saudades tuas, minha pequenina, mas vais ter de vir só da próxima vez que estiveres de folga.

Jasmina saiu do autocarro na praça Stureplan.

Sempre escrevera os seus melhores textos enquanto rodeada por pessoas e tinha dificuldade em concentrar-se quando estava sozinha. O T0 lúgubre que tinha arrendado em Valhallavägen não era apelativo. Atravessou a estrada na passadeira e entrou no Hotel Anglais. A entrada do hotel estava meio vazia. Perfeito, pensou para si mesma, enquanto pedia uma água e um café. Perguntou qual era a palavra-passe do Wi-Fi, sentou-se num dos sofás perto da janela e tirou o portátil da mochila.

Antes de começar, sentiu uma onda de orgulho inundar-lhe o corpo. Estava sentada no bar de um hotel, a escrever um artigo para o maior tabloide da Suécia. Estava a viver o sonho.



Na vez seguinte em que Jasmina ergueu o olhar do monitor, a entrada do hotel estava cheia. Tinha o copo vazio e o café estava frio. Mal conseguia ver o bar com tanta gente. Um DJ estava junto ao *deck*.

Os olhos dela estavam a arder e tinha o corpo rígido. Endireitou as costas e decidiu fazer uma pausa. Um homem pouco afastado dela estava a olhá-la fixamente. Ela desviou o olhar e fechou o portátil. Jasmina assumiu que ele interpretara mal a situação, porque, nessa altura, seguiu em linha reta até ela.

— Queres um *cocktail*? — perguntou.

Ele parecia ter cerca de 35 anos. Camisa preta. Atraente, de um modo tosco. Jasmina apontou para o portátil.

— Estou a trabalhar, por isso esta noite não bebo álcool — respondeu com um sorriso. — Mas obrigada.

Ele enfiou-se ao lado de Jasmina.

— Vá lá! Um *cocktail*. É sábado.

Afinal, ela bem que precisava de uma pausa. Todas as frases naquele artigo tinham de ficar perfeitas, e se ela queria manter-se concentrada precisava de desviar a atenção para outra coisa qualquer durante um pouco.

— Um café? — sugeriu ela. — Depois tenho de ir para casa e continuar o trabalho.

— Chamo-me Thomas — disse ele, levantando-se. Depois de lhe dar um aperto de mão, puxou a mão dela até à boca dele, picando-lhe a pele fina das costas da mão com a barba curta do queixo.

Um instante depois já o café tinha sido bebido. Durante a conversa, Thomas foi-se aproximando cada vez mais. Fez uma carrada de perguntas sem parecer especialmente interessado nas respostas. Os olhos dele fitavam o corpo dela, pousando com uma frequência crescente no busto dela. Jasmina achou-o assustador. Sentiu-se entorpecida e cansada.

Desculpou-se, explicando que tinha de ir à casa de banho refrescar-se. A sala começou a rodopiar, as pernas dobraram-se e ela segurou-se à mesa.

Thomas agarrou-a. Onde estava a mochila? O computador.

— Obrigada — ouviu-se a si própria a arrastar a voz. Soava metálica, como se estivesse a falar para dentro de uma lata.

Ele segurou-a por um braço, com o outro em redor da cintura dela. Sentia o maxilar solto, as pálpebras pesadas, mal conseguia manter os olhos

abertos. Jasmina tentou protestar enquanto ele a conduzia por entre a multidão, mas nenhum som emergia dos lábios dela.

De repente estavam na rua. Ela conseguia ver o passeio por baixo dos pés e conseguia sentir a mão forte dele no ombro dela. Faróis ofuscantes de um carro. Jasmina fechou os olhos. A cabeça dela caiu sobre o ombro dele. Abriu-se a porta de um carro, alguém riu-se. Foi erguida para o banco de trás. O motor arrancou e o carro começou a andar. O rosto de Thomas apareceu sobre o dela. Jasmina tentou dizer algo, mas a única coisa que lhe saía da boca eram disparates. Ainda mais risos. Tentou virar a cabeça, mas também não conseguiu.

Quantos havia? Para onde iam levá-la? Uma mão enfiou-se por baixo da camisola dela, foi apalpando a barriga e agarrou-lhe o peito. Outra mão apalpou-a entre as pernas. O carro ganhou velocidade, as luzes da estrada desapareceram e Jasmina ficou inconsciente.

## 5 .

Emelie Rydén olhou à sua volta no T2 vazio de Åkerbyvägen, em Täby. Embora nunca admitisse, por vezes sabia bem não ter de tomar conta de Nova. Ela e Ilan deviam ter passado o fim de semana juntos e por isso pedira aos seus pais para tomar conta da filha.

Ilan, porém, tivera de ir para Malmö em trabalho.

Ele prometera telefonar-lhe do quarto de hotel depois de jantar com os patrões, com quem fora reunir-se. Eram agora 22:32 e ainda não ligara.

Emelie ligou a TV e fez *zapping*.

Por um instante imaginou que, de algum modo, Karim descobrira a relação deles, fora a Malmö e fizera mal a Ilan.

Tinham passado três semanas desde que visitara Karim na prisão pela última vez. Podia ter saído em condicional sem que ela soubesse. Se fosse esse o caso, uma vez que apenas faltavam dois meses para acabar de cumprir a pena, ele não teria absolutamente nenhuma supervisão.

Emelie conhecera Ilan quatro meses antes, quando ela solicitara a entrega de quatro caixas de produtos no salão dela. O estafeta abanara a cabeça negativamente quando ela lhe pedira para levá-las para dentro.

Ilan, que por acaso ia a passar, reparou em Emelie e nas caixas e perguntou se ela precisava de ajuda.

Ele arregaçara as mangas, levara as caixas para dentro e depois desaparecera. No dia seguinte Ilan regressara e Emelie, para sua grande surpresa,

descobrir que ficara contente por vê-lo e convidara-o a entrar para tomar um café.

Uma semana depois daquele encontro, dormiram juntos pela primeira vez.

O telefone dela tocou e o rosto de Ilan apareceu no ecrã.

— Desculpa ter demorado tanto tempo — começou. — Eles não paravam de beber.

— Estás bêbedo? — perguntou ela, dando um gole no chá.

— De maneira nenhuma. Parei de beber cedo.

Emelie pousou a chávena na mesa de centro e deitou-se, colocando a cabeça no encosto para o braço.

— Desculpa por ter sido assim — disse Ilan. — Estava mesmo com muita vontade de estar contigo este fim de semana.

— Não faz mal. Depois compensamos no próximo fim de semana.

— Tenho de contar-te uma coisa — disse Ilan.

Emelie ouviu um ruído no exterior da janela e olhou para lá. Provavelmente era só um ramo a bater contra a janela por causa do vento.

— Menti-te. O motivo por que vim cá foi porque me ofereceram um emprego. Aqui em Malmö.

Parte dela sentiu-se aliviada, outra parte sentiu angústia. Ele ia aceitar o emprego e deixá-la. E ela não podia censurá-lo. Tinham acabado de se conhecer. É claro que ele não tinha qualquer entusiasmo em arrastar uma criança que não era dele para todo o lado. E mesmo que ela não lhe tivesse contado tudo sobre Karim, supunha que ele tinha as suas desconfianças.

— Eu compreendo.

— Eu sei que ainda é cedo, mas gosto muito de ti e da Nova. Posso estar doido, mas queria perguntar-te se vocês gostavam de vir viver comigo.

Emelie riu-se de estupefação.

— Estás a falar a sério?

— Estou.

Emelie fechou os olhos.

— É claro que gostávamos.

Conseguia ver o corpo esguio e magricela dele à sua frente. Aqueles olhos escuros gentis. Desejou que ele estivesse ali. Com ela. Quando se mudassem para Malmö já não teria de ansiar pela presença dele. Um movimento no exterior da janela fez com que Emelie se sobressaltasse. Ilan ainda estava a falar, mas Emelie deixara de o ouvir. Levantou-se devagar, com o telefone colado à orelha, e espreitou a escuridão.

Aproximou-se mais da janela, encostou a cabeça ao vidro frio e olhou para um lado e depois para o outro. Nada. Só o jardim escuro e deserto, onde Nova adorava brincar com os filhos dos vizinhos.

— O que disseste?

— Que estou feliz — respondeu Ilan. — Hoje passei por uma unidade que podia ser o salão de tratamentos de pele perfeito. Não que haja alguma pressa. Vou receber um aumento grande, por isso não tens de te preocupar em começar a trabalhar de imediato.

Emelie atravessou a sala de estar, saiu para o *hall* de entrada e verificou se a porta da frente estava trancada.

— Pensava que ias dizer-me que tinhas ido para a cama com outra pessoa.

Ilan riu-se. Uma gargalhada ruidosa e libertadora.

Emelie espreitou as escadas através do óculo da porta. Vazias. Descontraiu-se. Se Karim estivesse em liberdade condicional e aparecesse, ela chamava a polícia. Mas não quis que Ilan percebesse o que se estava a passar. Ela falara-lhe de Karim mas retraíra-se nos pormenores. Dissera-lhe que ele estava a viver no estrangeiro.

Emelie voltou a deitar-se no sofá, mas não conseguia descontraír e concentrar-se no que Ilan estava a dizer. Detestava viver no rés do chão.

Ao despedirem-se, ouviu a porta da entrada a abrir e apressou-se a desligar. Não queria que Ilan começasse a fazer perguntas, se, de repente, alguém se pusesse a bater à porta.

Emelie voltou a levantar-se e escutou os passos nas escadas.

Fechou os olhos, esperando que a pessoa que estava lá fora passasse a porta dela e que os mecanismos do elevador comessem a trabalhar. No preciso momento em que achou ter ouvido o barulho familiar do poço do elevador, alguém tocou à campainha.

## 6 .

Jasmina recuperou a consciência com uma bofetada forte. Estava deitada numa cama, num quarto escuro. Tinha a cabeça a latejar e sentia-se enjoada. A face dela foi atingida por outra bofetada. Onde estava?

— Está na hora de acordar.

Lembrou-se do bar e de Thomas. Jasmina agarrou o cós das calças e tentou resistir. Sentia as mãos fracas, o tecido fugiu-lhe por entre os dedos. Despiu-lhe as calças. Ele meteu-se em cima dela e arrancou-lhe as cuecas.

— Não — disse com a voz rouca.

Conseguia ouvir vozes. Piscou os olhos, numa tentativa de perceber o quê ou quem estava à volta dela. Mas estava tudo desfocado. À direita havia um guarda-vestidos com uma porta espelhada. Através dela conseguiu distinguir movimento. Havia várias pessoas no quarto.

Ele tirou-lhe a camisola e rasgou-lhe o *soutien*.

— Por favor, para! — suplicou Jasmina.

O pânico estava a aumentar e ela arremetia-se para trás e para a frente, batendo com as pernas.

Um soco atingiu-lhe a barriga e o corpo dela ficou sem ar. Ofegando e tossindo, tentou respirar com dificuldade.

— Se fizeres barulho, vamos ter de ir buscar a faca e tu não queres isso

— disse Thomas. A mão dele tocou-lhe na face ao de leve. — Seria uma pena numa cara tão bonita.

A respiração dele estava húmida e acre.

— Ela não é tão tímida quanto está a fingir ser, olhem para isto — disse Thomas, pegando-lhe na argola do mamilo e puxando-a com curiosidade. — Afinal de contas, és uma rameirazita, não és?

— Por favor, deixa-me ir — sussurrou, piscando os olhos.

— Rameiras como tu gostam disto, mesmo que finjam não gostar.

Acariciou-lhe o rosto e depois desapertou o cinto dele. Braços fortes viraram Jasmina de barriga para baixo e prenderam-na. Alguém empurrou-lhe o rosto contra o colchão. Respirar passou a ser difícil. Ela tentou lutar para libertar-se. Os gritos dela foram abafados nas penas.

Thomas grunhiu enquanto a penetrava. Doeu como o raio. Ela sentiu-se impotente. Pequena.

Os movimentos tornaram-se mais bruscos, doía cada vez mais. Jasmina gritou para o colchão.

— Foda-se, já tinha passado algum tempo. Que cona tão apertadinha que ela tem. Será que é mais nova do que pensávamos?

— Ou então, nunca ninguém a fodeu como deve ser. Olhem só como ela está a gostar. — Mais gargalhadas.

Eles revezaram-se, virando-a, afastando-lhe as pernas à força quando ela tentava resistir.

Ela vislumbrou os corpos nus deles no espelho. Desviou o olhar. Obrigou-se a fitar o teto. Era como se o corpo dela estivesse paralisado, eles já não tinham de segurá-la. Não havia como fugir. Foi perdendo e recuperando a consciência até um deles lhe arrancar a argola. Ela gritou. Uma mão grande tapou-lhe a boca com violência.

— Cala-te!

Não conseguia respirar, a arfar. Agitou os braços em absoluto pânico. Consequia ver uma cara brilhante desfocada.

— Abre as pernas.

Eles continuaram a grunhir, encorajando-se uns aos outros, humilhando-a.

Por fim lá se fartaram. Levantaram-se e desapareceram. Um instante de paz. Jasmina ficou totalmente estática e deslocou a mão para entre as pernas, erguendo depois os dedos até aos olhos. Estava a sangrar.

Por baixo da porta entraram o som de vozes abafadas e roucas e fumo de tabaco.

Jasmina deitou-se de lado, tateando à procura dos óculos. Não conseguia encontrá-los. Estava a tremer de frio. Depois tocou na mama. O sangue ficou colado aos dedos.

Ao ouvir passos encolheu-se como uma bola, virou-se para a parede e fechou os olhos. Não aguentaria mais. Outra vez não.

— Podes ir embora.

Thomas sentou-se na beira da cama e forçou-a a virar-se. Ele debruçou-se sobre ela.

— Se contares isto a alguém, matamos-te, Jasmina Kovac.

Agarrou-lhe no cabelo, virou-lhe o rosto para o dele, levantou a carta de condução dela a alguns centímetros do rosto dela e leu toda a informação.

Ela começou a chorar.

— Ouviste, minha puta? Apanhamos-te e da próxima vez não seremos tão simpáticos.

Atirou-lhe as roupas para cima. Jasmina conseguiu vestir as calças. Sentia ardor e latejar entre as pernas. Pelo canto do olho conseguiu ver o rosto por barbear de Thomas. Ele arrastou-a até ela ficar de pé e empurrou-a à frente dele. Jasmina cambaleou até à sala de estar. Bamboleou ao caminhar. Todos os passos que dava eram dolorosos.

— Parece ter passado um bom bocado — disse uma voz.

Conduziram-na até às escadas, desceram uns degraus e obrigaram-na a entrar para o banco de trás de um veículo.

O carro arrancou. Os homens pareciam cansados, não falaram muito. O Sol estava prestes a nascer. Jasmina tentou ler as placas para perceber onde estava.

— Aqui está bom — disse um deles ao condutor.

Encostaram à berma e a porta abriu-se. Alguém apitou.

— Lembra-te do que te disse, Jasmina Kovac: nós encontramos-te e matamos-te.

Ela pousou os pés no chão.

— Põe-te a andar, caralho!

Sentiu um empurrão, quase tropeçou mas conseguiu manter-se de pé.



## 7 .

Vanessa pegou no exemplar daquele dia do *Dagens Nyheter* que estava no tapete da entrada. A edição em papel era antiquada e um peso para o ambiente já tão pressionado, mas, fosse como fosse, o mundo ia mesmo em direção à ruína. E enquanto isso acontecia, Vanessa podia entreter-se, mantendo-se a par dos mais recentes escândalos políticos, do Brexit e dos *tweets* do presidente americano. O mundo não parava de ficar cada vez mais estranho e ela sentia-se cada vez menos em casa nele. Pela primeira vez na história humana havia mais pessoas a morrer por comerem em demasia do que devido a subalimentação. A velhice matava mais pessoas do que as doenças infecciosas. E, acima de tudo, havia mais pessoas a cometerem suicídio do que mortes causadas pela guerra, crimes violentos e terrorismo. No entanto, as pessoas tinham mais medo do que nunca.

Pousou o jornal na ilha da cozinha, ligou a máquina do café e deu por si com saudades de Svante. Ao fundo ouvia-se o sussurro da televisão.

— Foram encontrados três homens mortos em Frihamnen. O noticiário TV4 apurou que os homens foram assassinados com disparos na cabeça. Os três eram conhecidos da polícia.

Vanessa aumentou o volume. Mais um ataque de vingança por parte de uma organização criminosa.

Estocolmo achava-se inundada de armas de fogo e os jovens estavam

prontos a usá-las para conquistarem uma parte do mercado da cocaína ou para se vingarem de algum estratagema de que se dessem conta.

Nas ruas de Estocolmo eram vendidas armas automáticas *Kalashnikov* por 25 mil coroas. Um revólver custava 10. Era possível obter uma granada de mão por cerca de 1000, a não ser que estivesse a haver um grande conflito nesse momento e nesse caso os traficantes aumentavam o preço para 2500 coroas.

As execuções em Frihamnen estavam provavelmente relacionadas com tráfico de droga, mas tudo era possível: os criminosos até ficavam ofendidos com mais facilidade do que Donald Trump, cujos olhitos furiosos a fitavam a partir da primeira página do *DN*.

Depois de sair da outrora NOVA, renomeada *Unidade de Investigações, Grupos de Vigilância 5 e 6* após a reorganização, Vanessa conseguira, pelo menos, evitar ter de se envolver naqueles ataques de gangues que eram tão difíceis de resolver, em que nem as testemunhas nem os diretamente envolvidos queriam falar com a polícia. Ela passara a semana anterior em Kalmar, onde uma festa numa casa ficara fora do controlo e um dos convidados fora encontrado golpeado até à morte com uma tesoura.

Vanessa serviu-se de um pouco de café e preparava-se para voltar para o sofá quando o telefone do trabalho começou a tocar.

— Bom dia! — disse Mikael Kask, diretor da *Riksmord*, com um tom animado. — Como vão as coisas?

— Estou a meio do meu pequeno-almoço.

— Alguma coisa boa?

— Café e cigarro eletrónico. *O pequeno-almoço dos campeões*.

— Parece saudável.

Ao que parecia, Mikael frequentara um curso de gestão, onde aprendera a usar um tom familiar com os seus subordinados.

Na televisão, a reportagem sobre o triplo homicídio acabara, sendo substituída por um painel de discussão sobre festas infantis.

Mikael Kask pigarreou. Chegava de conversa fiada.

— Eu sei que está de folga hoje, mas a Unidade de Criminalidade Grave entrou em contacto. Eles precisam de ajuda.

— O triplo homicídio em Frihamnen.

— Não. Embora isso esteja a devorar-lhes os recursos. Hoje de manhã foi encontrada uma rapariga morta em Täby. Eles não têm detetives suficientes. Pode ir até lá? Os técnicos de investigação forense já estão no local.

Embora talvez não fosse correto sentir-se desse modo, Vanessa ficava

sempre mais transtornada quando eram mulheres as vítimas da violência do que quando membros de gangues eram encontrados com tiros na cabeça. Talvez isso se devesse ao facto de ter perdido a própria filha, Adeline, quando era mais nova. Se calhar o que mais a afetava era a perda dos pais e não as mortes das mulheres propriamente ditas. Vanessa sabia a que tipo de vida estavam a ser condenados.

— Claro.

Mikael deu-lhe a morada. Vanessa saltou para dentro do chuveiro, depois vestiu-se: calças de fato e uma camisa. Parou à frente do espelho e examinou o rosto. A seguir, marcou rapidamente o código para abrir o cofre da arma e enfiou a *Sig Sauer* no coldre.

Depois de derrubar a rede de Södertälje há alguns anos, Vanessa tinha autorização para ter armas em casa. Nos últimos anos, a ameaça enfrentada pela polícia aumentara de forma significativa. O principal motivo por que Vanessa tinha a arma em casa, porém, não era do conhecimento dos patrões dela.

Há pouco mais de um ano estivera envolvida numa investigação a uma organização criminosa que se autodenominava «A Legião». Durante uma transação num abrigo secreto no Norte de Estocolmo, Vanessa e Nicolas Paredes, um antigo soldado de elite, tinham matado quatro membros do grupo. Para além de fornecerem grandes volumes de cocaína de alta qualidade à maior parte de Estocolmo, a Legião raptava crianças refugiadas e enviava-as para a América do Sul.

Quando Nicolas e Vanessa chegaram ao local encontraram um agente da polícia e a testemunha que vivia na casa já sem vida.

Assim que Vanessa saiu para a avenida Odengatan sentiu o ar fresco e seco. Um Sol pálido lutava para ficar acima dos edifícios altos. Pessoas a passear, a escolherem o caminho por entre as poças para chegarem aos cafés e aos bares *vegan*. Um homem musculado com tatuagens verde-azuladas a sobressair-lhe do colarinho passou à frente da garagem. Tinha a cabeça rapada. Ia a amparar com um braço uma mulher de cabelo branco. Ela parecia minúscula a seu lado, caminhando quase debruçada sobre ele.

Mãe dele? Ele caminhava devagar, com cuidado, para que ela conseguisse acompanhá-lo. Vanessa pensou em como há cerca de 40 anos teria sido ele a amparar-se nela.

Na garagem, o telefone dela voltou a tocar. O nome da mulher assassinada era Emelie Rydén.